

imagens singulares para tempos de instabilidade¹

“Eu estava em ti, ó movimento, e fora de todas as coisas...”²

Paul Valéry

No encerramento de 2023, a Galeria Luis Maluf dá início à celebração de sua primeira década de existência – a ser comemorada em novembro de 2024 – com a coletiva *O Baile*, uma reunião de trabalhos dos artistas representados.

Muitos podem ser os motivos que guiam o encontro de diferentes, circunscrevendo em um mesmo espaço e tempo, interesses, desejos, medos, corpos, gestos, histórias e conhecimentos distintos. Em tempos em que a incerteza continuamente se faz afirmar, em uma torção daquilo que antes consideraríamos contraditório, a dança surge como metáfora luminosa, para apontar novos meios de se tatear o mistério daquilo que se anuncia. Fazendo palavras de outras palavras, repete-se, aqui, a opinião do escritor francês do início do século XX, Paul Valéry de que a dança *não se limita a ser um exercício, um entretenimento, uma arte ornamental nem uma atividade social qualquer; trata-se de coisa séria e, em certos aspectos, algo de muito venerável*³.

Encontrando-nos embebidos no tempo único e unívoco do capitalismo neoliberal, cuja lógica visa adequar o movimento às ordens coercitivas do progresso, tem se tornando imprescindível pensar e produzir outros tempo, discutir e ocupar novos espaços, revelar que a ordem do movimento não é só narrativa, mas caótica, espiralar, rizomática, anacrônica. Ainda que os ditames da tecnocracia utilitária diga o contrário, um gesto – e a dança, de certo modo é um repertório de gestos contextualizados coreograficamente – não precisa presumir um fim, que não em si mesmo. Ele não precisa destinar-se a nada que não ao puro prazer do saber-se (em) movimento. Enquanto a indústria tenta formalizar nossas ações tal como nos revelam as repetições incessantes de dancinhas no tik tok, de *selfies* nas *timelines* das redes sociais, os emojis desvirtualizados de Leandra Espírito Santo, os trabalhos aqui apresentados agem no sentido contrário, de revelar a singularidade de cada expressão.

Dançar é negociar com a gravidade, seja aquela da força de atração, ou da medida dos efeitos de nossas próprias ações. Acima de tudo, é preciso dar vazão a cada gesto, mesmo o mais íntimo, buscando a reciprocidade do toque, ainda que do corpo próprio, questionando-se, a todo instante, sobre a forma do vazio, sobre aquilo que, deslocando-se causa dispersão, ou encontro. Mas um baile, seja ele de máscaras, de debutante ou de formatura, ou mesmo se apenas como lembrança de um baile de carnaval, ou, ainda, um baile funk, ou baile charme com um paredão de som em um fim de semana, é sempre um frutífero encontro de corpos. Como as diferentes materialidades que moldam uma a outra nas esculturas de Márcia Pastore – a artista, vale lembrar, reconhece a agência de seus

¹ Referência a uma passagem de Paul Valéry em seu *Degas, dança, desenho*. Trad. Christina Murachco e Célia Euvaldo. 1ª Ed. São Paulo: Cosac Naify, 2012. Na página 30, diz o autor: “Veem-se, nos balés, instantes de imobilização do conjunto, durante os quais o agrupamento dos dançarinos propõe aos olhares um cenário fixo, mas não durável, um sistema de corpos vivos repentinamente congelados em suas atitudes, que oferece uma imagem singular de instabilidade” (grifo nosso).

² VALÉRY, Paul. *A alma e a dança e outros diálogos*. Trad. Marcelo Coelho. Rio de Janeiro: Imago Ed, 2005. p. 68

³ VALÉRY, P.; FEITOSA, tradução de C. 06. *Filosofia da Dança*. O Percevejo Online, [S. l.], v. 3, n. 2, 2012.

instrumentos –, esses corpos se acolhem e se repelem, registram seus gestos –ainda que na memória – daquilo que tocam, fazendo coexistir o frio e o quente, a forma e o informe. Nos corpos que se encostam a cada dança, uns mais contidos, outros simpáticos, desenham-se limites, traçam-se territorialidades, de uma outra ordem que aquelas abordadas por Edu Silva, mas não menos importantes. Qual a política de uma pista de dança? Quais corpos ocupam seu centro e quais restam às margens? Que pactos se desenham entre corpos que se chocam, disputando espaço para o próprio movimento?

De todo modo, dançar é um modo de habitar o espaço e o tempo. É uma forma de se estabelecer no aqui e no agora, entendendo que a presença não é estanque, mas que se deve, com o todo, fazer-se movimento. E se o corpo manifesta sua potência mecânica na dança, ele redistribui a mesma vontade no abrir-se constante, da mente, à indagação. O encontro evocado em nosso baile suscita diversas questões: O que te move? O que te impulsiona? A quais gestos você recorre quando o desejo reverbera em seu corpo? E quando o assombro se manifesta? Você levanta após cair, ou debate-se no chão, antes de reerguer? O que te apoia? Seu próprio corpo, ou um outro? O que te leva ao encontro?

Esperamos que os trabalhos aqui reunidos tornem-se espécies de parceiros de dança. Convocando aproximações, deslocamentos, pausas. A exposição inicia-se como uma antessala do baile. Deve-se adentrar ali, com o *pé direito*, mesmo que se tenha dois pés-esquerdos, na democracia do bailado não existe certo ou errado, mas ação e reação. Mas, se for pra pisar, ao menos *pise machucando com jeitinho*, como adverte Maria Bethânia na balada de Adelino Moreira e Enzo de Almeida Passos. O verso, assim como *quantos idiotas vivem só?*, da canção *Sua estupidez*, de Roberto Carlos – que se faz sentir mais intensamente na interpretação de Gal Costa – ressaltam a musicalidade do prosaico que reveste a pintura de Barbara Basseto. Suas padronagens cotidianas revelam o ritmo do que nos cerca, envolvendo-se em uma musicalidade familiar, como aquela das músicas que emprestam seus versos para os títulos dos trabalhos.

Pinturas, inegavelmente, permeiam toda a exposição, como a nos lembrar que toda tela é também a sobreposição espacial de uma sucessão de gestos de maior ou menor precisão. Mas ela extrapola essa definição. Assim como a dança não se define em si, pois fala justamente do movimento, do contínuo-descontínuo da vida, do que extrapola todo signo para fazer sua comunicabilidade. Na terceira sala da galeria, seu centro irradiador, um verdadeiro corpo de baile pictórico se anuncia, em uma miríade de diferentes imagens, cuja justaposição cria acordes, dissonância, mudanças rítmicas. Bendita seja a dança e sua riqueza de metáforas próprias para a expografia que nos fazem lembrar que mais do que olhos que absorvem o mundo, somos corpos que se afetam, que contraem e expandem.

Nosso baile é uma celebração do contínuo mover-se de nossos artistas e da alegria que se produz no encontro com o público. E para encerrar, antes da próxima dança, reconvoco Valéry e sua sentença: *É que a dança é uma arte derivada da própria vida, uma vez que não é apenas ação do corpo humano enquanto um conjunto, mas ação transposta em um mundo, em uma espécie de espaço-tempo, que já não é bem o mesmo que o da vida prática.*⁴ Mesmo na dúvida, não se deve suspender o próximo passo, mas seguir. Continuamente.

Galeria Luis Maluf

⁴ Id.